

MILHO
Problema é excesso de produção

Júlio Brissac*

É MILHO demais! Teríamos que ter competitividade suficiente para desbancar os Estados Unidos nas vendas externas, única forma de escoar uma sobra tão elevada, mas não temos. O país já projeta colher 182 sacas por hectare este ano, mais do que o dobro da média conseguida pelo agricultor brasileiro, de pouco mais de 84 sacas. Sem uma redução drástica na segunda safra, que vem desequilibrando completamente a oferta de milho no Brasil, o segundo semestre de 2015 poderá ser de severos prejuízos aos produtores, riscando do mapa o ano de 2016, não por falta de demanda, mas por excesso de produção.

Comparar a realidade atual do mercado de milho com a conjuntura de 2012 e 2013 é um erro, pois gera interpretações completamente distorcidas. A mais marcante delas vem das exportações: as notícias espalhadas pela mídia não especializada enfocam a queda brusca na movimentação de navios nos portos brasileiros, sugerindo uma retração na demanda.

Mas, na verdade, o problema não reside na demanda, e sim no excesso de produção. Não se trata das vendas externas atuais estarem lentas, e sim do comportamento completamente atípico ocorrido com o grão nos últimos anos.

Com a quebra imensa da safra 2012/13 nos Estados Unidos, grande *player*s mundiais foram forçados a buscar milho no Brasil, empurrando as suas exportações para níveis sequer sonhados anteriormente. Hoje, a situação é outra. Com o avanço da colheita nacional do milho 2ª safra, com outro recorde consecutivo, o cenário mudou: os americanos começam a ter grão em grande volume e a preços muito mais competitivos do que os brasileiros. Com isso, eles recuperam seus antigos compradores, colocando as exportações brasileiras em segundo plano.

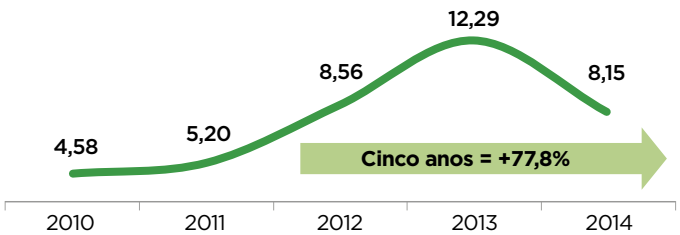
E, tendo como base padrões normais de mercado, as vendas externas brasileiras de milho vão muito bem! Prova disso é que os embarques da atual temporada só perdem para o visto nas safras 2011/12 e 2012/13. Só o Irã, nosso maior cliente, já aumentou em 145,5% as suas aquisições entre fevereiro e setembro, para 1,85 milhão de toneladas, novo teto. Sozinho, este país responde por 22,7% das nossas exportações do cereal, seguido pelo Vietnã, com compras de 1,32 milhão de toneladas e participação de 16,2%.

Nesse período citado, apenas do Mato Grosso, os iranianos importaram 637,21 mil toneladas, além de mais 441,65 mil do Paraná. Cabe, ainda, destaque ao Rio Grande do Sul, que já mandou 383,06 mil toneladas para eles. Esta quantidade é seis vezes mais do que a registada em 2013. Também Goiás beneficia-se com a demanda do Irã, aumentando em 292% as vendas ao país em apenas um ano, de 51,45 mil toneladas para 201,54 mil.

Egito, Indonésia, Coreia do Sul, Marrocos, Malásia, Taiwan, Arábia Saudita e Argélia complementam o *ranking* dos dez maiores clientes das *tradings* que operam no Brasil. Juntas, estas empresas exportaram, até setembro, 8,15 milhões de toneladas de milho (fevereiro a setembro), volume que confirma intenso aumento de 77,8% apenas nos últimos quatro anos.

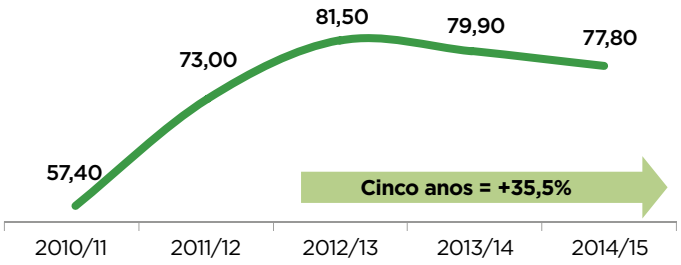
E, se não existe problema algum com a demanda internacional, muito menos com o consumo – já foi previsto que atingirá a casa de 42,20 milhões de toneladas na nova safra 2014/15 –, o descompasso vem da produção. Em apenas um ano, entre 2011 e 2012, a colheita saltou da casa de 57,4 milhões de toneladas para 73 milhões e não abaixou mais. Entre 2012 e 2014, foram tirados dos campos 234,4 milhões de toneladas de milho, volume que o Brasil levava quase cinco anos para produzir até 2011. ■

BRASIL: EXPORTAÇÃO DE MILHO (MILHÕES DE TONELADAS)



Nota: Safra 2013/14 – fevereiro a setembro
Fonte: SECEX

BRASIL: PRODUÇÃO DE MILHO (MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: Conab

* Analista chefe e estrategista de pecuária de corte da Rural Business